

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS (LET2)**

MÁRCIO DE SOUZA SANTOS

**VARIEDADES LINGUÍSTICAS E FORMAS DE CONTATO COM O ESPANHOL
POR ESTUDANTES DE LETRAS**

**PORTO ALEGRE
2018**

Márcio de Souza Santos

**VARIEDADES LINGÜÍSTICAS E FORMAS DE CONTATO COM O ESPANHOL
POR ESTUDANTES DE LETRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Letras pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof^a. Dra. Natalia Labella-Sánchez

Porto Alegre
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família e aos meus amigos, pelo apoio e amizade.

A minha orientadora, pela paciência com que me auxiliou neste trabalho.

A todos os professores que contribuíram para minha formação; especialmente aos que colaboraram com esta pesquisa, cedendo tempo de suas aulas.

A todos os alunos que participaram desta pesquisa, compartilhando suas experiências de estudo.

E finalmente à Bruna Daniele, que ao longo desses anos deixou de ser apenas minha companheira de curso para se tornar minha companheira na vida.

RESUMO

O presente trabalho pretende investigar quais são as variedades linguísticas do espanhol preferidas por estudantes brasileiros do curso de Letras/Espanhol da Universidade Federal do Rio Grando do Sul e o que pode motivar suas escolhas e representações sobre a língua. Para isso, foram aplicados questionários, com perguntas abertas e fechadas, dirigidos a alunos do começo e do final do curso, a fim de descobrir seu contato cotidiano e opiniões a respeito do idioma. A partir deste primeiro levantamento, foi possível identificar uma grande preferência pelo espanhol rio-platense. Países como Argetina e Uruguai demonstram exercer maior influência tanto nos hábitos destes estudantes com respeito à língua, como em suas escolhas.

Palavras-chave: Variedade linguística. Espanhol como língua estrangeira. Contato com a língua.

RESUMEN

El presente trabajo pretende investigar cuáles son las variedades lingüísticas del español que prefieren los estudiantes brasileños del curso de Letras/Español de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul y qué motiva su elección. Para ello, se hizo la aplicación de un cuestionario dirigido a alumnos del comienzo y del final de la carrera. A partir de este primer relevamiento, se identificó una gran preferencia por el español rioplatense. Países como Argentina y Uruguay demuestran ejercer más influencia tanto en los hábitos de los estudiantes respecto a la lengua, como en sus elecciones.

Palabras-clave: Variedad lingüística. Español como lengua extranjera. Contacto con la lengua.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Áreas geoletais, segundo Moreno Fernández (2016).....	15
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Motivações pessoais	26
Quadro 2 – Contato com nativos da língua espanhola	27
Quadro 3 – Zonas de contato.....	29
Quadro 4 – Meios de contato.....	30
Quadro 5 – Variedades linguísticas de acordo com os meios de contato: alunos iniciantes....	32
Quadro 6 – Variedades linguísticas de acordo com os meios de contato: alunos avançados...	34
Quadro 7 – Espanhol considerado mais fácil pelos alunos	37
Quadro 8 – Espanhol considerado mais difícil pelos alunos	37
Quadro 9 – As variedades que os estudantes acreditam usar	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1. RELATIVIZAÇÃO DAS FRONTEIRAS	11
2.2. ZONAS DE INFLUÊNCIA	12
2.3. HISTÓRIA DAS ZONAS DIALETAIS	13
2.4. A SEMPRE ATUAL PERGUNTA: QUAL ESPANHOL ENSINAR?.....	16
2.4.1. Alguns conceitos importantes	16
2.4.2. Aplicação prática	17
2.5. ALGUNS TRABALHOS RELACIONADOS	18
3. METODOLOGIA.....	20
3.1. CONTEXTO DA PESQUISA.....	20
3.2. ESTRUTURA DO QUESTIONÁRIO	21
3.3. AGRUPAMENTO DOS DADOS.....	24
4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
4.1. POR QUE ESTUDAR ESPANHOL?	25
4.2. FORMAS DE CONTATO COM A LÍNGUA.....	27
4.2.1. A língua dentro do cotidiano	30
4.2.2. Sobre as variedades com as quais os alunos têm contato.....	31
4.2.3. Mudança de hábitos	35
4.3. REPRESENTAÇÕES QUANTO ÀS VARIEDADES LINGUÍSTICAS	35
4.3.1. Representações quanto ao ensino.....	38
4.4. AS VARIEDADES QUE OS ESTUDANTES ACREDITAM USAR	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DE	
LETRAS/ESPANHOL	48

1. INTRODUÇÃO

Todo usuário nativo de uma língua está vinculado a sua variedade linguística. Salvo os casos em que haja influência cultural ou controle intencional do falante, poderá ser identificado por sua fala onde quer que vá. Esta característica tão particular pode lhe acompanhar durante a vida inteira sem que seja consciente, sem que formule uma justificativa.

O aprendiz de uma língua estrangeira se difere do nativo porque em algum momento de seu aprendizado vai se deparar com as tão simples, mas intermináveis perguntas cujas respostas costumam mudar constantemente: qual é a variedade que você fala? Você é de tal lugar? Por que fala assim, se vive aqui?

Apesar do desafio de ter que tomar uma decisão, o estudante de espanhol como língua estrangeira tem a possibilidade ímpar de decidir sozinho o que mais gosta e onde vai se situar dentro desse novo mundo que descobre. Pode se posicionar politicamente ou simplesmente se levar pela bonita sonoridade. Diante da constatação de tal poder por parte dos aprendentes, se procura, neste trabalho, investigar quais são as variedades linguísticas que os estudantes brasileiros do curso de Letras/Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) afirmam adotar e o que pode motivar suas eleições.

Para isso, foram coletadas informações de 21 alunos do curso de Letras/Espanhol da UFRGS, divididos entre os que não terminaram a disciplina de Espanhol III (10 alunos, chamados de alunos iniciantes) e os que já concluíram a de Espanhol VI (11 alunos, chamados de alunos avançados¹). Esta divisão foi feita para verificar se há algum padrão de eleição de variedade linguística determinado pelo tempo de estudo acadêmico.

O interesse neste assunto foi gerado justamente pelo contraste que senti ao longo dos anos da minha graduação no curso de Letras/Espanhol na UFRGS. Nas últimas disciplinas da ênfase de espanhol, que sempre contava com poucos alunos, comecei a perceber que a fala de cada um havia tomado um rumo diferente. Notava acentos característicos e expressões de muitas regiões. Pude constatar que não era o único a reparar nisso: em certa aula, perguntaram por que uma colega e eu tínhamos acentos tão diferentes se havíamos feito intercâmbio para o mesmo lugar, na mesma época.

¹Neste trabalho, consideramos alunos avançados aqueles que tivessem terminado o Espanhol VI, porque para estudantes de licenciatura é a última disciplina de língua obrigatória, ou seja, supostamente já estão prontos para dar aulas, objetivo do curso. Isto significa que para a Universidade já tiveram contato suficiente com o idioma, de modo que provavelmente já tenham adotado uma variedade e talvez não a mudem mais significativamente.

A impressão que tinha era de que nos anos iniciantes de estudo isso não acontecia. Com exceção dos colegas que já sabiam espanhol há mais tempo, todos falávamos de uma forma similar, sem nada que fugisse muito à variedade dos professores. Lembro que costumava me chamar a atenção quando algum destes colegas falava algo novo, alheio à experiência que a sala de aula proporcionava. Com o tempo, acompanhei minha própria variedade linguística mudar ora intencionalmente, ora não. E percebi que meus interesses e contato com a língua fora da Universidade repercutiam cada vez mais na minha fala.

A intenção à hora de escolher esse tema foi a de investigar qual costuma ser a relação dos estudantes com o idioma fora do ambiente acadêmico. Se há algum padrão de comportamento referente à língua e, caso exista, se é de forma consciente.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: um capítulo de fundamentação teórica, em que principalmente são abordadas algumas questões essenciais sobre o conceito de variedades linguísticas, bem como a forma como se comportam e como foram divididas; uma parte de metodologia, em que a pesquisa é contextualizada e o questionário, aplicado aos alunos, descrito; um capítulo com a análise dos dados, em que os resultados da pesquisa são comentados; e um capítulo de considerações finais, em que observações sobre os resultados e sobre a própria pesquisa são feitos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, abordaremos assuntos pertinentes ao ensino de espanhol como língua estrangeira no tocante às suas variedades linguísticas. Depois de uma breve contextualização, discutiremos a interferência das fronteiras políticas na forma como se comporta o espanhol dos países americanos. Em seguida, apresentaremos as principais propostas de divisão por regiões linguísticas dentro do continente, para, depois, comentar sua repercussão no ensino da língua e na formação dos professores.

2.1. RELATIVIZAÇÃO DAS FRONTEIRAS

O espanhol é a língua oficial de mais de vinte países e é falado por mais de 490 milhões de pessoas como língua nativa, segunda e estrangeira (Real Academia Española, 2012). Com isso, se torna a segunda em número de falantes no mundo e o segundo idioma de comunicação internacional. Um idioma com estas cifras e espalhado pelo mundo inteiro tem, naturalmente, usuários com as mais diversas experiências humanas, culturais e, conseqüentemente, linguísticas.

Entre o turista coreano que estuda para visitar as ruínas da civilização asteca no México, o paraguaio que aprendeu espanhol só no colégio e o falante nativo do espanhol de Castilla, existe um universo de fatores que determinam como será o espanhol que cada um falará, do ponto de vista fonético, fonológico, sintático etc. Essa diversidade pode representar uma certa dificuldade de comunicação entre dois usuários de uma mesma língua.

A cooperação é fator essencial na comunicação em qualquer idioma. E o falante não precisa ser perito em linguística para perceber isso. Toda vez que conversamos com alguém de outro país de mesma língua, com um estrangeiro que aprendeu nosso idioma e até mesmo com alguém de outra região de nosso país, recorreremos sempre aos termos mais gerais que conhecemos. Procuramos evitar regionalismos e expressões que possam não ser de domínio do nosso interlocutor.

Tomando isso em conta e pegando um exemplo do português, dependendo do nível de cooperação, é razoável pensar que um brasileiro de Livramento, fronteira com o Uruguai, tenha mais facilidade de conversar com um uruguaio de Rivera, pelo forte comércio e intercâmbio entre as duas cidades, do que com um morador do interior de Minas Gerais, também no Brasil. Seria o português do gaúcho e do mineiro tão parecido, apesar dos milhares de quilômetros, diferenças climáticas e culturais? E, por sua vez, as línguas do brasileiro e do

uruguaio seriam tão diferentes, a despeito da influência que uma exerce sobre a outra diariamente, além de dezenas de outras características comuns às duas cidades?

Lope Blanch (1994), ao analisar o caso das fronteiras entre países de língua diferente, deu especial atenção para os casos em que há ocupação humana rente ao limite nacional de ambos os lados, como é o caso de Livramento e Rivera. Refere-se à situação como uma fronteira linguística e indica não existir uma linha divisória linguisticamente, mas sim uma “franja linguística”. Esta faixa, que pode ser larga ou mais estreita, conformaria um lugar onde:

es natural que haya un número más elevado de personas que hablan -mejor que peor- la lengua de sus vecinos con los que mantienen un trato más estrecho y directo que los habitantes del resto del país; donde el vocabulario de la "otra" lengua sea más conocido y más usado que en el resto del territorio propio. (LOPE BLANCH, 1994, p. 19)

A faixa linguística, que se comporta dessa forma entre países de língua diferente, também existe, para Lope Blanch (1994), entre vizinhos que compartilham o mesmo idioma. Sua presença estará condicionada a uma série de fatores históricos, culturais, econômicos etc. que podem fazer da fronteira efetivamente uma divisão política e linguística. Salvo estes casos, o que se presenciará entre os dois países será uma faixa linguística, desta vez mais larga, cujos ocupantes se valerão de um dialeto comum. Nesta porção não definida de terra se encontrará um dialeto transitório que desvanece gradualmente conforme avança em direções opostas.

2.2. ZONAS DE INFLUÊNCIA

A exemplo do que acontece dentro do Brasil quando alguém escuta a variedade linguística de um habitante de outro estado, ou até mesmo de outra cidade e reconhece a diferença identificando, às vezes, de onde a pessoa vem, o falante nativo de espanhol também é sensível a essas diferenças dentro de sua língua. E da mesma forma que o brasileiro pode reconhecer o português de Portugal, ou de Angola, o hispano-falante, às vezes, é capaz de identificar as variedades de outros países.

Algumas destas variedades, seja pela influência cultural, seja pelo poder econômico de seu país, são mais reconhecíveis que outras. E se atentarmos, as variedades mais populares sempre representam uma área maior. É comum se falar no espanhol do México, ao passo que

o de Honduras, por exemplo, será menos lembrado. A mesma relação existe entre o espanhol da Argentina e do Paraguai, da Colômbia e do Equador etc.

No caso de vizinhos de mesma língua, as fronteiras físicas passam, portanto, a interferir cada vez menos em como se fala dos dois lados. Com esse enfraquecimento das fronteiras e com a existência de países mais influentes dentro de suas regiões, criam-se, espontaneamente, concentrações de variedade da fala por todo o continente.

A criação dessas áreas costuma se dar de forma gradual. Sua atual conjuntura é resultado de mais de quinhentos anos de evolução. E embora sua forma presente já se insinuasse à medida que o tempo passava, a percepção deste evento é relativamente recente.

2.3. HISTÓRIA DAS ÁREAS DIALETAIS

Os falantes da língua reconhecem naturalmente essas mudanças na medida em que passam a perceber diferenças entre a sua fala e a das demais regiões. Os estudiosos da língua tampouco são alheios a esses eventos, de modo que, com o tempo, começou a aumentar a necessidade de estudos mais aprofundados e maiores reflexões sobre o assunto.

A princípio do século passado, sequer a heterogeneidade da língua espanhola dentro da América era unânime entre os estudiosos do assunto. Para Alba (1992), dentre os que acreditavam na diversidade da língua falada na América se destacam três: Pedro Henríquez Ureña, José Pedro Rona e o já citado Juan M. Lope Blanch. Este último era crítico das justificativas não científicas apresentadas pela corrente oposta de que a língua era homogênea em nosso continente.

Segundo Alba (1992), o filólogo dominicano Henríquez Ureña (1930) foi o primeiro a esboçar um mapa com as regiões de fala dentro da América. Afirmava ser uma proposta provisória que, com o tempo e somada a estudos futuros, daria caráter mais empírico à dialetologia hispano-americana. A proposta de divisão era baseada em três critérios fundamentais: a) a proximidade geográfica, b) os laços políticos e culturais, c) o substrato indígena:

1 La del Río de la Plata (Argentina, Uruguay y Paraguay). Substrato guaraní.

2. La chilena (norte, centro y sur de Chile). Substrato araucano.

3. Una, o acaso dos, en el Pacífico.

4. La mejicana (México, América Central y el sudoeste de los Estados Unidos). Substrato nahua.

5. La del Mar Caribe (las tres Antillas españolas) Cuba, Santo Domingo, Puerto Rico-, gran parte de Venezuela y la costa atlántica de Colombia). Substrato arahuaco y caribe. (Alba, 1992, p.66-67)

Esta primeira divisão foi bastante criticada por Rona (apud Alba, 1992). Seus principais argumentos eram de que se baseava muito em fatores extralinguísticos e de que a influência pelas ocupações indígenas, além de não ser compatível com as regiões propostas, não passava de senso comum.

O dialetólogo uruguaio, então, propôs a mais rigorosa e pormenorizada das divisões por zonas dialetais já feita até então. Criou primeiramente 16 zonas linguísticas as quais incorporou outras 7 que seriam consideradas zonas de mescla com outra língua. Sua proposta era baseada principalmente em 4 fenômenos: um fonético, se há articulação ao realizar certa consoantes fricativas sonoras (rehilamiento); um fonológico, se diferenciall de y (yeísmo); um sintático, se adota *vos* como forma de tratamento (*voseo*); um morfológico, as formas verbais utilizadas com o pronome *vos*.

Para Alba (1992), Rona acabou incorrendo nos mesmos erros que censurara em Henríquez Ureña (1930). Principalmente no fato subjetivo de que as línguas indígenas tinham influência no espanhol americano. Também diz ser impossível mensurar a influência de outras línguas no espanhol por falta de mais estudos relacionados a esse fenômeno na época. Além disso, a pesquisa acabava sendo desbalanceada porque um dos critérios dependia de outro. Entre os quatro, um era sobre a forma como se comportava o *voseo*, porém se a variedade em questão não contasse com o *voseo* - e quase um terço não contava - seria automaticamente classificado por apenas três critérios.

No decorrer do século passado houve várias propostas de zonificação do espanhol americano, mas nenhuma mais inovadora a sua época que as já citadas de Henríquez Ureña (1930) e a de Rona (1964). Não é, portanto, de espantar que a proposta mais bem aceita e referência até os dias de hoje no assunto case características destas duas. No final do último século, Moreno Fernández (1998) propôs uma divisão por áreas geoletais². Seriam cinco grandes áreas de influência na América hispano-falante e três na Europa:

1. un área mexicana y centroamericana (representada, por ejemplo, por los usos de la Ciudad de México y de otras ciudades y territorios significativos),
 2. Un área caribeña (representada, por ejemplo, por los usos de San Juan de Puerto Rico, La Habana, Santo Domingo o Caracas),
 3. un área andina (representada, por ejemplo, por los usos de Bogotá, Quito, Lima o La Paz),
 4. un área chilena (representada por los usos de Santiago) y
 5. un área austral (representada por los usos de Buenos Aires, de Montevideo o de Asunción).
- Por otro lado, para el español de España se distinguen tres áreas generales: 1. una andaluza (que estaría representada por los usos de Sevilla, Málaga o Granada), 2. una canaria (de Las Palmas o Santa Cruz de

² Cabe destacar que esta é uma visão europeia, que pode não abarcar todas as especificidades do espanhol americano.

Tenerife) y 3. una castellana (representada por los usos de ciudades como Madrid, Burgos o, por supuesto, Cuenca). (MORENO FERNANDEZ, 2014, p.4)

Para se chegar a essas oito áreas geoletais, Moreno Fernández (1998) considerou o elevado número de características comuns dentro de cada região. Como na proposta de Henríquez Ureña (1930), a influência cultural exercida pelos grandes centros e a proximidade geográfica foram relevantes para a divisão. No entanto, desta vez a análise da norma culta de cada zona foi priorizada, o que possibilitou analisar a variedade que efetivamente tinha impacto regional. A herança deixada por Rona (1964) está na intenção de considerar elementos mais objetivos, que na proposta de Moreno Fernández, entre outras coisas, considera: a) a fonética e fonologia, se a variedade diferencia *s* de *z* (*seseo*) e *ll* de *y* (*yeísmo*), especificidades sobre a pronúncia; b) gramática, opção de uso da segunda pessoa (*tú*, *vos*, *vosotros* etc.) e b) léxico.

Essa divisão pode ser melhor visualizada na figura seguinte:

Figura 1 – Áreas Geoletais, segundo Moreno Fernández (2016)



Mapa. Zonas del español de América, basadas en la propuesta de Henríquez Ureña (Moreno, 1993).

Fonte: Moreno Fernández (2016)

Na seção seguinte abordaremos questões relacionadas ao ensino de espanhol como língua estrangeira, pensando nas variedades linguísticas.

2.4. A SEMPRE ATUAL PERGUNTA: QUAL ESPANHOL ENSINAR?

Frente a enorme diversidade de variantes que a língua espanhola nos oferece, que se divide em oito zonas principais espalhadas por dois continentes, escolher qual deve ser usada como parâmetro para o ensino de espanhol como língua estrangeira pode não ser tarefa simples. Usar a de maior prestígio historicamente? A que esteja mais próxima geograficamente de onde vive o aprendente? A variedade vigente na cidade destino do turista? A resposta para essas perguntas não é definitiva, mas antes de pensá-la devemos resolver outros problemas que aparecem antes no ensino de segundas línguas.

2.4.1. Alguns conceitos importantes

Até o presente momento, neste trabalho, nos referimos apenas às variedades diatópicas da língua, ou seja, as que mudam de acordo com a localização geográfica. Em nenhum momento mencionamos as variedades diastráticas, ou seja, aquelas que estão distribuídas em uma escala social. Do ponto de vista das áreas dialetais, esta última classificação é relevante na medida em que a norma culta de cada uma dessas regiões costuma ser mais parecida com as normas das demais zonas dialetais, ao passo que as falas de caráter mais coloquial, pela particularidade de apresentar grande número de regionalismos e elementos de menor alcance geográfico, naturalmente apresentam maior contraste linguístico.

A norma culta, por sua vez, é a variedade diastrática falada pelas pessoas de maior prestígio social dentro de cada lugar. É a forma como se expressam professores, médicos, advogados, pessoas com nível superior etc. (MORENO FERNÁNDEZ, 1992). Caracteriza-se por ser a norma mais difundida em cada região, seja por figurar nos meios de comunicação, seja por não existir ressalva quanto à sua correção (MORENO FERNÁNDEZ, 2006).

Pode parecer melhor, independentemente da área dialetal, trabalhar sempre com a norma culta, porém, o contexto específico de cada aprendente ou cada região pode não deixar que essa escolha seja tão simples.

2.4.2 Aplicação prática

Tomemos como exemplo a fronteira brasileira com a Argentina. Em muitos casos se trata de uma fronteira viva em que basta cruzar uma ponte para que brasileiros e argentinos se encontrem. Em consequência desta proximidade, é possível que algumas escolas brasileiras optem pela oferta de língua espanhola como língua estrangeira em seus currículos. Logo, caberia aos professores decidir qual variedade diastrática considerar. Porém, independente da resolução dos educadores, o espanhol com o qual seus estudantes têm contato diariamente provavelmente não é o de norma culta. Devem ter amigos argentinos e podem frequentar o comércio vizinho, o que lhes proporcionaria uma experiência maior com uma fala mais despreocupada, mais coloquial. Moreno Fernández (1998) comenta a escolha de um modelo de correção em casos como este: “La predeterminación del modelo es más nítida cuando se enseña y se aprende la lengua dentro de la comunidad que la habla, dado que las fuentes de información lingüística van mucho más allá del aula”.

Em um cenário como este, as aulas de espanhol não podem omitir as diferentes realidades do aluno. O professor não pode fazer de conta que aquilo que seus alunos presenciam não existe, ou que não é relevante para o ensino da língua. Estudar esse espanhol com o qual convivem será uma necessidade do aluno. Afinal, é por conta desse contato que estarão tendo aulas de espanhol ao invés de apenas aulas de inglês.

A escolha do modelo de referência obedece ao princípio da necessidade, como quando há proximidade geográfica e contato cotidiano entre os estudantes e a língua, como no exemplo anterior. Pode, também, o estudante demonstrar interesse por alguma variante em particular. Neste caso o professor deverá aproximar o aluno dessa variedade, através de materiais e atividades em aula que priorizem o maior contato tanto cultural como linguístico com essa região de fala. Mas quando o público alvo não tiver uma necessidade assim tão latente, ou mesmo quando não tiver um objetivo especial? É possível trabalhar com o modelo de outra região? E neste caso, de qual região?

Quando enfrentar este tipo de problema, o docente precisará se certificar de algumas questões antes de definir o que fará em sala de aula. Muitas vezes pode optar por um modelo linguístico de prestígio que, ao mesmo tempo, seja geral e acessível. Se fizer isso, acabará se deparando com a norma geral, ou seja, a norma *estándar*. Segundo Herrero (2008, p.13): “para que algo sea “general” o “estándar”, debe ser común a la mayoría, actuar como modelo de referencia que esté por encima de sus variaciones. No se le puede aplicar a algo exclusivo.” Moreno Fernández (2006) afirma que a norma *estándar* abarca apenas o que é compartilhado e

de prestígio entre todas ou a maioria das variedades. Deve ser um espanhol com o qual se possa comunicar com todos os falantes da língua sem marcas regionais³.

Esta que pode ser a saída para muitos profissionais do ensino, no entanto, também oferece suas desvantagens. Segundo Moreno Fernández (2006) essa internacionalização, ou globalização da língua deve ser limitada ao uso em situações de intercâmbio internacional, sob pena de empobrecer a própria língua espanhola:

un uso mal entendido de esa modalidad globalizada puede llevar a un peligroso empobrecimiento de la lengua. Las variedades lingüísticas de las distintas regiones del mundo hispánico no pueden verse desplazadas o sustituidas por un español internacional, porque la diversidad de identidades hispánicas es un patrimonio que nos enriquece a todos. (MORENO FERNÁNDEZ, 2006, p. 93)

Na próxima seção apresentaremos alguns trabalhos relacionados à escolha da variedade linguística por parte de estudantes de espanhol como língua estrangeira.

2. 5 ALGUNS TRABALHOS RELACIONADOS

Nos últimos anos foram produzidos alguns trabalhos que tratam da relação de alunos e professores brasileiros com as variedades do espanhol, tanto sobre suas representações, sobre o seu ensino, como sobre suas preferências individuais. Apresentaremos brevemente, aqui, os principais trabalhos a que tivemos acesso, sua forma de coleta de dados e o público entrevistado, para entender no que se diferem do nosso. São eles de Irala (2004), García Murga (2007) e Silveira Araújo (2014).

O primeiro, de Irala (2004), pesquisou através de questionário, as representações sobre o ensino de espanhol como língua estrangeira, tanto de professores de ensino fundamental, quanto de alunos universitários de Letras/Espanhol do 4º e 8º semestres no estado do Rio Grande do Sul, quase fronteira com o Uruguai. A autora destaca, entre os resultados, o atual condicionamento da variedade linguística a fatores de poder histórico e econômico. Desta forma, mesmo a região sendo de contato com o espanhol rio-platense, entre os professores e alunos de 4º semestre a variedade mais valorizada foi, em geral, a peninsular. Já os alunos de 8º semestre, por mais que preferissem o espanhol local, assim como os demais entrevistados, acreditavam em uma homogeneidade da língua no continente americano.

³ Moreno (2006) dá o exemplo do espanhol praticado pela CNN para exemplificar essa generalização da língua. A emissora, que tem alcance mundial, costuma tomar profissionais de diferentes países de língua espanhola. Estes atenuam parcialmente seus acentos mais locais, padronizam o léxico e evitam os usos mais específicos de seus países.

O trabalho de García Murga (2007) expôs alunos do curso de Letras/Espanhol de uma universidade de Brasília a áudios em espanhol de nativos de diferentes países. Foi analisada a aceitação de cada variante e o nível de dificuldade que os alunos atribuíam a ela através de questionários e entrevistas. Foram verificadas atitudes mais favoráveis às variedades peninsulares e mexicanas e menos favoráveis às falas do Chile e Cuba. Em função de percepções estereotipadas, a variante argentina também teve, em geral, uma avaliação negativa.

A pesquisa feita por Silveira Araújo (2014) tomou alunos, em sua maioria, já formados em agronomia ou engenharia florestal inscritos em um curso de espanhol oferecido em uma faculdade de São Paulo. O questionário, composto por três perguntas, procurava basicamente descobrir a variedade de qual país os estudantes, que ainda não tinham começado os estudos, pretendiam aprender. Nos resultados, o autor destaca a preferência pela variedade da Espanha e o entendimento geral entre os alunos de uma homogeneidade no espanhol da América.

Nosso trabalho é o primeiro entre os quatro que propõe uma análise dos dados considerando também o que os alunos fazem fora do ambiente acadêmico e escolar. A seção seguinte se encarrega de contextualizar a pesquisa e apresentar nosso questionário e o que motivou a elaboração de cada pergunta, além da posterior forma de análise.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo, contextualizamos os passos metodológicos realizados para a coleta de dados de nossa pesquisa. Explicamos os critérios para a seleção dos informantes e sua divisão em grupos. Em um segundo momento, apresentamos as perguntas do questionário e os propósitos de sua elaboração. Finalmente, descrevemos o processo de agrupamento de dados para a sua análise.

3.1. CONTEXTO DA PESQUISA

O estudo sobre a escolha da variedade linguística do espanhol adotada por estudantes da graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) teve início a partir de aplicação de questionário composto por perguntas abertas e fechadas⁴. Estas informações foram coletadas entre os meses de maio e junho do primeiro semestre letivo de 2017, nas turmas de graduação do curso de Letras/Espanhol.

Feita a seleção das turmas, alunos de dois grupos responderam às mesmas perguntas. No primeiro, foram aplicados questionários a 10 alunos da turma única de Espanhol III, sendo 9 estudantes do curso de Letras e um do curso de Ciências Biológicas⁵. O segundo grupo contou com 11 alunos da cadeira de Estágio de Docência em Língua Espanhola.

Como a variedade linguística adotada por todo aprendente de língua estrangeira pode mudar ao longo de seu aprendizado, decidimos aplicar os questionários em turmas com estudantes em uma fase mais inicial e outra mais avançada. Dessa forma, teríamos possibilidade de observar se haveria diferenças não só nas escolhas de variação linguística de cada grupo, como também no seu contato diário com a língua.

Sendo o propósito da pesquisa investigar as preferências desses estudantes, optamos por não entrevistar alunos de primeiro semestre, que recém ingressaram na Universidade. Como o nivelamento não é exigido para o ingresso na disciplina de Espanhol I, esta turma costuma ser muito heterogênea. Assim, os resultados deste grupo seriam produto de experiências individuais de aprendizado, não de um grupo de alunos em formação pela UFRGS. Como a disciplina de Espanhol II não é oferecida no semestre em que foi feita a pesquisa, o grupo de alunos iniciantes foi composto por estudantes matriculados no Espanhol

⁴ O questionário completo está disponível no APÊNDICE do trabalho.

⁵ Alunos de qualquer curso de graduação da UFRGS podem fazer esta disciplina, desde que atendam o pré-requisito de haver concluído o Espanhol II e haja vagas.

III. Para o grupo de alunos avançados, consideramos estudantes que já tivessem cursado o Espanhol VI.

Como o propósito do trabalho não foi avaliar a escrita dos alunos, todas as perguntas foram elaboradas e deveriam ser respondidas em português. A intenção foi não inibir nenhuma resposta. Nesse mesmo sentido, a identificação no questionário não era obrigatória, objetivando obter o maior número de dados para análise.

3.2. ESTRUTURA DO QUESTIONÁRIO

Considerando que a forma com a qual cada estudante se expressa em uma língua estrangeira pode ser resultado do que ele absorveu previamente no idioma, além da influência de sua língua materna, o questionário foi elaborado com a intenção de descobrir todas as possíveis formas de contato dos alunos com a língua. Desse modo, grupos de perguntas foram criados para saber: a) o que leem, b) o que escutam e c) com quem conversam em espanhol. Além destes, outros grupos de perguntas foram criados para tentar identificar o motivo do aluno escolher uma ou algumas variedades a que foi exposto em detrimento de outras.

As perguntas iniciais do questionário (1 a 4) buscavam obter informações mais gerais sobre os participantes, tais como idade, gênero, curso e ano de entrada. Estes dados, por mais que introdutórios, poderiam servir para a interpretação de algumas escolhas pessoais durante o aprendizado. Na análise dos resultados, qualquer coincidência de comportamentos referentes à língua, observada dentro dessas subdivisões, poderia indicar uma tendência.

Na pergunta 5, o aluno deveria justificar os motivos da escolha do espanhol como ênfase na sua graduação. Nossa intenção era a de descobrir se havia a pré-disposição por alguma variedade da língua antes da entrada no curso.

As perguntas 6, 7 e 13 tinham como objetivo verificar a existência de contato linguístico do estudante com nativos do idioma. Eram elas:

- **6** - Você tem ou já teve contato cotidiano com nativo(s) de língua espanhola?

Sim () Não ()

- **7** - Caso sim, era um nativo de qual país, e por quanto tempo foi o contato?

- **13** - Você estuda/estudou espanhol fora da UFRGS?

Sim () Não () Caso sim, qual a nacionalidade do(s) professore(s)?

Na questão 8 procuramos conhecer dados relativos ao tipo de leitura e audição que o aluno realiza em língua espanhola. Também buscamos verificar a frequência deste contato:

- **8** - Através de quais meios você tem contato atualmente com a língua espanhola?
 - **Literatura** () sim () não. Caso sim, qual/quais?
Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.
 - **Cinema** () sim () não. Caso sim, qual/quais?
Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.
 - **Música** () sim () não. Caso sim, qual/quais?
Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.
 - **Programas de televisão** () sim () não. Caso sim, qual/quais?
Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.
 - **Jornal online** () sim () não. Caso sim, qual/quais?
Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.
 - **Outros** () Sim () não. O quê?
Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.

A questão 9 procurava verificar possíveis mudanças de hábito após a entrada no curso de espanhol:

- **9** - Das opções apresentadas na questão anterior, alguma você costumava ver, ouvir ou ler antes em português e passou a fazê-lo apenas em espanhol? Exemplo: série, legenda de filmes etc.
Sim () Não () Qual/quais?

As perguntas, que especificavam o tema variedade linguística, foram postas na segunda metade do questionário para evitar que os respondentes fossem induzidos em suas respostas. Por exemplo, se um aluno respondesse que a variedade que procura usar é a do Chile, é possível que no momento de exemplificar quais são suas preferências musicais, literárias etc, levasse em conta sua resposta anterior e procurasse citar títulos referentes a essa variedade, talvez omitindo outros.

Para abrir essa classe de perguntas, a segunda metade do questionário começava com: “Você gosta de escutar alguma variedade específica de espanhol?”. A inserção desta pergunta foi no sentido de verificar a existência de algum aspecto subjetivo agindo sobre as escolhas individuais. Pareceu-nos importante dedicar um espaço em que o aluno precisasse responder e justificar algo que poderia não ter uma razão concreta. A pergunta serviria

também para detectar alguma eventual contradição entre hábitos e gostos, embora fosse difícil identificar seu motivo.

Procuramos, nessa parte final do questionário, sempre perguntar o que o aluno *achava*, para que não se sentisse impelido a dar uma resposta *certa* sobre algo no qual poderia ainda não ter pensado, ou mesmo que não soubesse. Isso daria margem tanto para analisar justificativas subjetivas, como para as mais alinhadas ao material teórico referente às variedades linguísticas, que porventura tivessem acessado:

- **10** - Você gosta de escutar alguma variedade específica de espanhol?
Sim () Não () Caso sim, qual e por quê?
- **11** - Há alguma variedade do espanhol que você ache mais **fácil** de falar ou aprender?
Sim () Não () Caso sim, qual/quais e por quê?
- **12** - Há alguma variedade do espanhol que você ache mais **difícil** de falar ou aprender?
Sim () Não () Caso sim, qual/quais e por quê?

As duas perguntas que se seguiam deveriam revelar as variedades linguísticas que os estudantes acreditavam já ter usado ao longo do curso:

- **14** - Qual variedade de língua espanhola você acredita usar?
- **15** - Desde que começou o curso de Letras, você já trocou a variedade que usa?
Sim () Não () Caso sim, de qual para qual e por quê?

A última pergunta é sobre o aprendizado de espanhol como língua estrangeira em si:

- **16** - Você acredita que haja variedades do espanhol mais ou menos adequadas para seu ensino como língua estrangeira?
Sim () Não () Por quê?

O objetivo dessa pergunta seria verificar a existência de qualquer tipo de valor pré concebido que interferisse indiretamente na escolha pessoal da variedade linguística desse aluno.

3.3. AGRUPAMENTO DOS DADOS

Todos os dados coletados relativos à variedade linguística foram agrupados em dois passos: primeiro por países e depois por zonas dialetais, segundo proposto por Moreno Fernández (1998).

A título de exemplo, relatamos como classificamos os dados obtidos por meio da pergunta de número 8. Toda vez que fosse citado o nome de um artista, livro, filme etc. este seria classificado de acordo com seu país de origem. Em seguida, este país seria enquadrado dentro de sua área dialetal, conforme classificação proposta por Moreno Fernández (1998).

Os resultados da pergunta 8 também foram agrupados de acordo com dois critérios: duas opções de contato através da leitura (literatura, jornal online) e três de contato através da audição (cinema, música e televisão), além de um campo para “outros”, cuja resposta também se enquadraria dentro de uma das duas opções. Agrupando-se os dados segundo esses dois critérios, o objetivo seria investigar o quanto a maneira com que o aluno recebe a língua influi na forma com que ele irá reproduzi-la posteriormente. Ou seja, saber o que tem mais peso na escolha de uma variedade, tê-la ouvido ou tê-la lido mais.

Os resultados referentes às perguntas de número 7 e 13 foram agrupados, já que o interesse era de se conhecer a quais variedades os alunos foram expostos, não diferenciando a forma como a acessaram. Assim, a variedade que fosse repetida em ambas questões seria computada apenas uma vez.

As causas abordadas nas justificativas dos alunos para a questão de número 5, elaborada com a intenção de descobrir o motivo da escolha de espanhol como ênfase, foram agrupadas como: *contato anterior*, quando já haviam estudado a língua, em geral; *razão afetiva*, para justificativas baseadas em algo subjetivo como a beleza do idioma; *cultura*, em referências diretas à cultura, em geral; *razão política*, quando houve referências ao sentimento de pertencimento à América Latina, em geral; *em detrimento de outras línguas*, quando foi optada ao invés do inglês, em geral; *interesse em aprender*, pela oportunidade de estudar algo novo; *facilidade*; *para viajar*, quando a motivação foi conhecer outros países.

No próximo capítulo, apresentaremos a análise e discussão dos resultados.

4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo é dedicado à análise dos dados obtidos através do questionário em diálogo com o referencial teórico que utilizamos. Primeiro comentamos os resultados referentes à motivação da escolha da língua espanhola como ênfase no curso de graduação, por parte dos informantes. Em seguida, apresentamos as formas de contato cotidiano destes estudantes com a língua e algumas de suas experiências pessoais a esse respeito. Depois exploramos suas representações referentes às variedades linguísticas e seu ensino. E, finalmente, analisamos os resultados das variedades que estes alunos acreditam usar.

4.1. POR QUE ESTUDAR ESPANHOL?

Antes de se pensar na variedade linguística com a qual cada aluno se identifica, consideramos importante saber o que o motivou a escolher estudar a língua espanhola ao invés de qualquer outra, já que, depois de ter escolhido o espanhol, são apenas oito principais áreas dialetais de influência linguística, segundo Moreno Fernández (1998).

Levando isso em consideração, foi criada uma pergunta que pudesse revelar esse motivo, mas sem condicionar a resposta. Não foi perguntado, por exemplo, o porquê dessa língua em detrimento de outra. Foi feita uma pergunta aberta que aparecia antes de qualquer outra, para que não houvesse influência: “por qual motivo você escolheu a ênfase de espanhol como língua estrangeira?”.

Categorizamos as respostas e não distinguimos as turmas respondentes neste primeiro momento, porque entendemos que o avanço atual dos estudos não altera a motivação inicial do aprendiz. Como, em geral, cada aluno dava mais de uma justificativa, a segunda coluna do quadro abaixo se refere à quantidade de vezes que cada motivo foi citado entre todos os alunos:

Quadro 1 – motivações pessoais

Motivações pessoais	Nº de menções	%
Contato anterior	13	25
Razão afetiva	12	23
Cultura	9	17
Razão política	7	13
Em detrimento de outras línguas	4	8
Interesse em aprender	4	8
Facilidade	2	4
Para viajar	1	2
TOTAL	52	100

Fonte: autoria própria.

Como se pode ver, a maioria dos estudantes optou pela ênfase em espanhol por já ter tido alguma espécie de contato anterior com a língua. Na maioria destes casos, o respondente já havia estudado ou na escola ou em cursos de língua.

Logo abaixo na proporção, estão as “razões afetivas”. Esta é a classe mais subjetiva entre as respostas que vai desde o “gosto pela língua” até as justificativas mais estereotipadas, como pelo fato de ser uma “língua quente”. Também chamou a atenção o fato de que três dos informantes que alegaram razões afetivas tenham citado a mesma variedade linguística: o espanhol do México. Esta foi a única variante que surgiu espontaneamente, já que a pergunta nem sequer mencionava o tema. Foram duas menções ao grupo mexicano RBD e mais duas às novelas mexicanas.

A classificação *cultura*, presente no quadro anterior, se refere principalmente às menções à “riqueza cultural” dos países de língua espanhola. Para esta categoria, também foram incluídas as respostas que citavam a produção artística no idioma.

Quanto às razões políticas, em geral, as respostas estavam relacionadas ao sentimento de pertencimento do Brasil como parte da América Latina. Cabe destacar, que alguns estudantes explicitaram que esta relação foi feita depois de começar o estudo formal da língua. Alguns afirmaram ter começado por outro motivo, mas a razão política era a que fazia mais sentido no momento da aplicação do questionário. Por exemplo: “Sempre gostei do espanhol, achava uma ‘língua quente’ e bonita. Continuo achando, mas agora pesa mais para mim a ideia de ser a língua falada em quase toda América Latina, saber espanhol me passa uma ideia de unidade”.

Nenhuma das razões menos citadas motivou mais de 10% dos estudantes. Além dos casos em que já havia interesse em se aprender uma língua ou estudar algo, é válido salientar a pequena adesão à ideia de que o espanhol é uma língua fácil.

4.2. FORMAS DE CONTATO COM A LÍNGUA

Passamos agora a analisar a influência que pode exercer o contato pessoal com nativos da língua alvo para a escolha de uma variedade linguística. Como a proposta do trabalho não é a de verificar caso por caso individualmente, vamos nos ater aos dados percentuais que agrupamos nos dois grandes grupos: alunos iniciantes e alunos avançados. Ou seja, a análise está sujeita ao que o respondente entendeu por contato cotidiano, não diferenciando se esse contato foi breve ou prolongado.

A porcentagem que será apresentada foi extraída das respostas de duas perguntas do questionário: a) uma pergunta que não especifica a duração nem a intensidade do contato (você tem ou já teve contato cotidiano com nativo(s) de língua espanhola?); e b) uma segunda pergunta que revela se o aluno teve aulas de língua espanhola com algum professor nativo antes do curso de letras (você estuda/estudou espanhol fora da UFRGS? Caso sim, qual a nacionalidade do(s) professor(es)?). Optamos por especificar a pergunta sobre o professor, porque se imaginou que o respondente pudesse não considerar esse contato, já que se trataria de um convívio de certa forma artificial, dentro de um ambiente de ensino.

O quadro a seguir mostra a quantidade de vezes que cada nativo, de acordo com sua nacionalidade, foi citado:

Quadro 2 – Contato com nativos da língua espanhola

Primeiro grupo - alunos iniciantes			Segundo grupo - alunos avançados		
<i>Países citados</i>	<i>nº de vezes citado</i>	<i>%</i>	<i>Países citados</i>	<i>nº de vezes citado</i>	<i>%</i>
Argentina	5	27.79	Argentina	6	24
Chile	3	16.68	Uruguai	4	16
Uruguai	3	16.68	Chile	3	12
Colômbia	1	5.55	Espanha	3	12
Cuba	1	5.55	México	2	8
Equador	1	5.55	Bolívia	1	4
Espanha	1	5.55	Colômbia	1	4
México	1	5.55	Cuba	1	4
Peru	1	5.55	Equador	1	4
Venezuela	1	5.55	Guatemala	1	4
			Paraguai	1	4
			Peru	1	4
TOTAL	18	100%	TOTAL	25	100%

Fonte: autoria própria.

Ao verificarmos o número total de contato com nativos por cada grupo de respondentes, observamos que o grupo que estuda espanhol há mais tempo tem uma vantagem

sobre os alunos iniciantes, algo que pode ser considerado natural em vista do maior tempo de estudo do idioma. É uma diferença de 25 para 18, sendo um contato com 2,2 variedades em média para cada estudante avançado (11 alunos) e com 1,8 para cada aluno iniciantes (10 alunos). No grupo de alunos avançados, também há contato com nativos de uma maior quantidade de países: 12 para 10. No entanto, o que chamou a atenção nesse sentido foi a pequena expressividade dessa diferença.

Levando em conta apenas o tempo regular no curso, desconsiderando repetências, desistências etc, os alunos do segundo grupo tiveram pelo menos o dobro de tempo de curso do que os alunos do primeiro grupo. Ou seja, o dobro de tempo em um ambiente onde se espera maior possibilidade de contato com nativos de língua espanhola através de intercâmbios estudantis por parte do próprio aluno, pelo contato com estudantes vindos de outros países hispano-falantes, contato com professores nativos na própria faculdade. Além disso, em geral, a exigência para se fazer intercâmbio pela faculdade é de pelo menos o segundo semestre cursado, algo que pareceu impactar nas respostas do primeiro grupo.

A pesquisa considerou apenas o tempo de curso para supor que alunos mais antigos deveriam ter tido mais contato com diferentes variedades. Outras hipóteses, porém, não devem passar do campo especulativo por falta de dados mais concretos no questionário.

Sobre estas possibilidades, podemos citar as respostas de duas estudantes do segundo grupo que relataram ter feito intercâmbio. Uma, afirmou ter morado no Uruguai, onde teve contato com variedades de seis países diferentes, além da própria uruguaia. Outra diz ter passado igual período na Argentina, mas não citou contato com nativos de nenhum outro país.

Mais importante para os fins deste trabalho do que listar os países com os quais os estudantes de Letras tiveram contato linguístico, é descobrir a quantas e a quais variedades estiveram expostos ao longo de seu aprendizado. Os dados do Quadro 2 indicam com nativos de quais países os estudantes mais se relacionaram e, conseqüentemente, com quais zonas dialetais eles tiveram mais contato. No quadro seguinte, reclassificamos os países citados no Quadro 2 de acordo com as zonas dialetais propostas por Moreno Fernández (1998).

É válido lembrar que, como já dito, o contato é registrado pelo número de variedades citadas, não pelo número de falantes com quem o respondente se relacionou. Ou seja, se um informante A interagiu com 10 colombianos, terá tido contato com apenas uma variedade linguística, a andina. Ao passo que se um informante B tiver interagido com um uruguaio, um boliviano e um cubano, terá tido contato com três variedades diferentes, a rio-platense, a andina e a caribenha, respectivamente, embora tenha tido contato com menos nativos.

Quadro 3 – Zonas de contato

ZONAS DIALETAIS	Primeiro grupo – alunos iniciantes		Segundo grupo – alunos avançados	
	nº de menções aos países	%	nº de menções aos países	%
Español de la Plata y el Chaco	8	44.5	11	44
Español de los Andes	3	16.7	3	12
Español de Chile	3	16.7	3	12
Español de México y de Centroamérica	2	11.1	3	16
Español Castellano	1	5.5	3	12
Español del Caribe	1	5.5	1	4
TOTAL	18	100	25	100

Fonte: autoria própria

Diferentemente da literatura, da música e demais formas de contato com um idioma que não precisam respeitar o tempo e a distância, o contato presencial obedece a toda classe de dificuldades que a lonjura impõe. Assim, a experiência desses estudantes não deixaria de se sujeitar também a essa condição. Como apontam os dados, a localização do país de origem das pessoas com quem os informantes interagiram é fator determinante para este contato.

Como se pode observar, quase 50% do contato corresponde aos países que fazem fronteira não só com o Brasil, mas especificamente com o estado onde residem os respondentes, o Rio Grande do Sul. Em seguida, aparecem as demais variedades da América do Sul: Andina e do Chile, ambas com o mesmo número de menções.

Com relação ao contato com nativos de países de outros continentes, em que a distância sempre será consideravelmente grande, nossos resultados dialogam de certa forma com os de García Murga (2007). No trabalho da autora, seus entrevistados tiveram atitudes mais favoráveis ao espanhol do México e da Espanha, exatamente os que aparecem na sequência do nosso quadro (Espanhol de México y de Centroamérica (11.1% e 16%), Español Castellano (5.5 e 12). Já a variedade de Cuba (Caribe) foi uma das citadas entre as avaliações negativas que os estudantes de Brasília fizeram (García Murga, 2017).

Embora sejam dois grupos diferentes, o nosso e o de García Murga (2007), nossos resultados podem servir como parâmetro do intercâmbio entre brasileiros e falantes nativos de espanhol. Isso explicaria a maior aceitação pelas variedades dos países com que os estudantes gaúchos têm mais contato presencial. Também ajudaria a entender porque somos o estado (com relação aos estados das outras pesquisas) que tem uma atitude mais favorável com respeito ao espanhol rio-platense, mais especificamente o que as pessoas acreditam ser usado na Argentina.

4.2.1. A língua dentro do cotidiano

O aprendizado de uma segunda língua não depende apenas do tempo em sala de aula. Em casos em que o estudante está inserido em uma comunidade de fala bilíngue, ou cuja influência cotidiana do outro idioma seja forte, é mais natural que esta afirmação se confirme. No entanto, quando o aprendente não está dentro desse contexto, sempre existe a possibilidade de intensificar sua relação com a língua de outras formas.

Para descobrir como os estudantes se aproximam da língua cotidianamente, dentro e fora do curso, criamos uma seção específica no questionário. Neste espaço, o respondente deveria relatar toda sua rotina referente a literatura, cinema, música, televisão, jornais online. Além dessas opções, havia um campo em que podia citar qualquer outro meio de contato não incluído nas sugestões.

Os resultados podem ser vistos no quadro a seguir, que os divide por turma:

Quadro 4 – Meios de contato

MEIOS DE CONTATO	Alunos iniciantes	Alunos avançados
	%	%
Literatura	70	100
Cinema	70	90.9
Música	90	100
Televisão	20	36.3
Jornal online	70	45.4
Outros	20	0

Fonte: autoria própria

Os dados apontam para um maior contato dos alunos avançados com o espanhol. Dentre as atividades sugeridas, percentualmente apenas não leem mais jornais online que os alunos iniciantes. Literatura e música, por exemplo, são indicados por todos os estudantes deste grupo.

Já entre os resultados dos alunos iniciantes, há números iguais em alguns segmentos como literatura, cinema e jornais online e televisão e outros. Neste último campo, que é aberto para as demais atividades, foi citado duas vezes o uso de aplicativos de celular na opção *espanhol*.

Nas duas turmas, a opção menos adotada foi a de televisão. Para este dado, levantamos uma hipótese. Os informantes não foram perguntados, com exceção da opção

jornal online, sobre qual era o meio que utilizavam para acessar as atividades sugeridas, se era internet, rádio, cinema, livro etc. O que é transmitido na televisão, em geral, é ao que menos se tem acesso através da internet, fato que poderia explicar sua baixa adesão nos dois grupos.

Os meios de contato com a língua, propostos na pesquisa, podem ser divididos em dois grupos, os que privilegiam a audição (cinema, música e televisão) e os que privilegiam a leitura (literatura e jornais online). Pensando na educação, as duas práticas são de grande importância para o domínio da língua, e a privação de uma delas, por exemplo, empobreceria consequentemente ou as habilidades de escuta e fala, ou as de leitura e escrita.

Com isso em vista, observamos inicialmente quantos informantes tinham seu aprendizado privado de alguma dessas habilidades, segundo suas respostas. Entre os 21 participantes da pesquisa, apenas um, componente da turma de alunos iniciantes, informou acessar a língua através apenas da escuta. Os demais informaram praticar pelo menos uma atividade que contemplasse a escuta e outra que contemplasse a leitura.

4.2.2. Sobre as variedades com as quais os alunos têm contato

Todas as vezes que o respondente assinalava afirmativamente para um dos meios de contato (literatura, cinema, música etc.), deveria preencher um campo dando exemplos dessa atividade (ver pergunta 8 do questionário, no APÊNDICE). Poderia ser o nome de um livro ou autor em literatura, um nome de filme ou diretor de cinema, ou mesmo indicar a nacionalidade do que costumasse consumir em língua espanhola.

As informações encontradas neste campo foram posteriormente agrupadas conforme sua nacionalidade. Assim, os nomes de artistas, de programas de televisão, de jornais etc. passaram a representar apenas seu país de origem.

Para essa segunda análise, consideramos os países obtidos através destes exemplos e os meios de contato (literatura, cinema, música etc.) representados no quadro anterior. Começamos com os resultados do grupo de iniciantes:

Quadro 5 – Variedades linguísticas de acordo com os meios de contato: alunos iniciantes

Alunos iniciantes				
	Países	Nº de exemplos	Zona dialetal	Total
Literatura	Chile	5	Español del Chile	5
	Uruguai	3	Español de la Plata y el Chaco	3
	Colômbia	2	Español de los Andes	2
	Nicaragua	1	Español de México y Centro América	1
Cinema	Espanha	3	Español Castellano	3
	Argentina	2	Español de la Plata y el Chaco	2
Música	Argentina	9	Español de la Plata y el Chaco	14
	Uruguai	5		
	México	5	Español de México y Centro América	6
	Estados Unidos	1		
	Porto Rico	3	Español del Caribe	5
	Cuba	2		
	Colômbia	4	Español de los Andes	4
	Chile	2	Español del Chile	2
Televisão	Argentina	2	Español de la Plata y el Chaco	2
	Colômbia	1	Español de los Andes	1
Jornal online	Espanha	2	Español Castellano	2
	México	2	Español de México y Centro América	2
	Chile	1	Español del Chile	1

Fonte: autoria própria

Como se pode observar, há um predomínio de duas variedades entre as mais citadas de cada meio: rio-platense e peninsular. Embora às vezes com o mesmo número de exemplos que outras variantes, cada uma é a mais citada em dois dos cinco meios. A literatura chilena é a única exceção. A variedade rio-platense só não foi citada no meio *jornal online*, enquanto a castelhana, embora tenha sido a variante com maior número de exemplos para *cinema* e *jornal online*, não foi citada nos demais meios de contato.

Os estudantes deram exemplos de mais de uma zona dialetal para todos os meios de contato sugeridos no questionário. A opção *música* foi, sozinha, representada pelas 5 zonas propostas por Moreno Fernández (1998).

O espanhol de México e América Central é a segunda variedade em número de exemplos. Não é de se estranhar sua destacada presença nesta lista, na medida em que foi a única variedade que apareceu espontaneamente entre as respostas da pergunta número 5

(APÊNDICE), que questionava sobre qual foi a motivação que os estudantes tiveram para escolher a ênfase de espanhol no curso de Letras. No entanto, as novelas mexicanas antes influentes, neste momento não foram lembradas. Já o grupo RBD, mencionado por dois alunos, desta vez foi mencionada por uma pessoa diferente, o que sugere uma descontinuidade nas preferências dos estudantes após sua entrada no curso.

A variedade chilena contou com um grande número de exemplos, aparecendo logo atrás da mexicana. É interessante destacar que esta foi a variedade com maior rejeição por parte dos estudantes entrevistados por García Murga (2007), em seu trabalho referente às variedades linguísticas. Possivelmente sua presença tão destacada em nossos resultados se deva ao fato de a disciplina de Espanhol III (que representa nesta pesquisa os estudantes iniciantes) ser ministrada especificamente por um professor chileno⁶.

Nesta pesquisa consideramos as variedades a que os estudantes são expostos através do contato com nativos da língua espanhola (Quadro 3). Levando isso em consideração, não podemos esquecer que um professor nativo do idioma exercerá dupla influência linguística sobre seus alunos: primeiro, pelo próprio contato cotidiano com sua variedade; e segundo, pela natural influência que um professor exerce sobre seus alunos a respeito do conteúdo que ensina.

No quadro seguinte, podemos observar os dados referentes ao grupo de alunos avançados:

⁶É importante lembrar que a variedade linguística do professor pode exercer grande influência sobre seus alunos. Os atuais professores dos nossos informantes podem ser responsáveis indiretamente por muitas das escolhas e crenças presentes neste trabalho. Sendo assim e como trabalhamos com as variedades da língua, achamos pertinente mencionar as nacionalidades dos profissionais ligados à ênfase de espanhol da UFRGS, com os quais estes alunos têm contato diariamente. Há, atualmente, 7 professores: 4 brasileiros, sendo um descendente de uruguaios; dois uruguaios; e um chileno, no quadro de professores.

Quadro 6 – Variedades linguísticas de acordo com os meios de contato: alunos avançados

Alunos avançados				
	Países	Nº de exemplos	Zona dialetal	Total
Literatura	Paraguai	1	Espanol de la Plata y el Chaco	2
	Uruguai	1		
	Colômbia	1	Espanol de los Andes	1
	Espanha	1	Espanol Castellano	1
Cinema	Argentina	3	Espanol de la Plata y el Chaco	3
	México	1	Espanol de México y Centro América	1
Música	Uruguai	4	Espanol de la Plata y el Chaco	6
	Argentina	2		
	Chile	1	Espanol del Chile	1
	Porto Rico	1	Espanol del Caribe	1
Televisão	Argentina	2	Espanol de la Plata y el Chaco	3
	Uruguai	1		
	Colômbia	2	Espanol de los Andes	2
	México	1	Espanol de México y Centro América	1
	Espanha	1	Espanol Castellano	1
Jornal online	Espanha	5	Espanol Castellano	5
	Chile	2	Espanol del Chile	2

Fonte: autoria própria

Nesta turma, a presença do espanhol do Rio da Prata é ainda mais forte. Em 4 dos 5 meios de contato, a variedade aparece com o maior número de exemplos. Mais uma vez, assim como ocorreu na turma inicial, só não foi citada em *jornal online*, meio em que o espanhol peninsular foi mais lembrado. Este segmento, inclusive, foi o único em que apenas um título, o jornal *El País*, representou sozinho mais referências que os demais exemplos juntos.

É interessante destacar o número de exemplos, independentemente do país de origem, dados por cada turma. O grupo de alunos iniciantes deu 55⁷ exemplos para cada segmento, enquanto o grupo avançado deu apenas 30. Trata-se de um resultado inesperado, visto que haveria mais coerência se, conforme aumentasse o tempo de estudo, o aluno ao estar mais exposto à língua e seus aspectos culturais e sociais, tivesse mais presentes os exemplos de materiais com que tivesse contato em língua espanhola.

Levantamos duas hipóteses para isso. A primeira é a de que alunos em fase mais inicial tendam a querer demonstrar todo o conhecimento que têm, ou que adquiriram recentemente, ao passo que os mais avançados podem não estar tão preocupados com essa

⁷Contando os que foram repetidos por alunos diferentes

questão, restringindo suas respostas ao que realmente lhes desperta maior interesse. A segunda hipótese diz respeito às condições de aplicação dos questionários, em que os alunos iniciantes tiveram vantagem com relação ao tempo para responder.

4.2.3. Mudança de hábitos

Sobre a possível manutenção ou não dos hábitos de cada estudante, havia uma pergunta específica para investigá-lo. Referindo-se aos exemplos dados pelos alunos na questão sobre os meios de contatos com a língua, perguntava-se se eles já acessavam algum destes exemplos mediante traduções e dublagens e passaram a acessá-lo no original, depois de começar seus estudos: “Das opções apresentadas na questão anterior (8), alguma você costumava ver, ouvir ou ler antes em português e passou a fazê-lo apenas em espanhol? Exemplo: série, legenda de filmes etc. Sim () Não () Qual/quais?”

Metade dos respondentes de cada grupo afirmou não ter acessado, em português, qualquer dos exemplos citados na questão anterior. Ou seja, para metade dos respondentes, todos seus gostos referentes à língua espanhola, no momento da pesquisa, surgiram ao longo dos seus estudos na Universidade.

Este último dado mostra mudança de hábitos dos alunos após sua entrada no curso, em geral. Isto não significa que o aluno deixou de gostar do que já conhecia em língua espanhola, significa que foi exposto (através das aulas, materiais e contato com os demais estudantes e professores) a materiais produzidos na língua suficientes para fazer com que o que conhecia antes desse lugar a novas fontes de contato. Isto revela a influência que o ambiente acadêmico pode ter, inclusive, sobre as escolhas pessoais dos alunos.

4.3. REPRESENTAÇÕES QUANTO ÀS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

Para iniciar a nossa análise dos dados referente às variedades linguísticas que os estudantes relatam gostar mais de escutar, novamente agrupamos os resultados de acordo com as zonas propostas por Moreno Fernández (1998). Considerando o grupo de alunos iniciantes, os resultados em porcentagem foram: alunos que relataram não ter uma preferência, 50%; Español de la Plata y el Chaco, 30%; Español de los Andes, 10%; e Español Castellano, 10%. O grupo de alunos avançados apresentou: Español de la Plata y el Chaco, 62%; Español de México y de Centroamérica, 25%; Español de los Andes, 20%.

Mais uma vez, como se pode ver, dentre as pessoas que manifestaram alguma preferência, a variedade do Rio da Prata e Chaco teve destaque, embora o espanhol praticado no Paraguai novamente não tenha sido citado. Outro aspecto interessante é o fato da variedade do México e da América Central não ter sido mencionada entre os alunos menos avançados, do mesmo modo que a variedade peninsular não está entre as preferenciais para os estudantes mais avançados, embora ambas as variedades, segundo dados dos quadros 5 e 6, estejam presentes no cotidiano dos alunos.

Metade dos estudantes iniciantes manifestou não ter uma variedade preferencial para escutar. Essa categoria de resposta, que não foi identificada no grupo de alunos avançados, pode apontar tanto a própria falta de preferência, como uma falta de conhecimento. Respondentes que ainda não conseguem identificar muitas características que difiram uma variedade de outra, podem ainda não ter refletido sobre o assunto, o que lhes privaria de uma opinião mais aprofundada.

Quanto à variedade mais vezes citada, cabe destacar a diferença entre os dois grupos de respondentes. Como não havia opções que contivessem o nome das variedades, os alunos escreveram de qual gostavam mais à sua maneira. Enquanto a turma de alunos iniciantes se referiu ao nome dos países, todos os alunos avançados indicaram ou diretamente a variedade linguística correspondente ao país (rio-platense, andina etc.), ou as características internas da variedade. O caso que mais chamou a atenção foi com a variedade rioplatense. Ao invés de escreverem Argentina e Uruguai, como fizeram os alunos iniciantes, os alunos desta turma se referiram à variedade correspondente como “rioplatense” (3), “platense” (1) “voseo e yo com som de cho” (1).

Uma análise mais profunda das respostas destes estudantes, sugere que se referir destas formas a tal variedade pode não ter sido por acaso. Dentre os quatro alunos que disseram gostar de escutar o espanhol “rioplatense” e “platense”, dois relataram ter feito intercâmbio para a Argentina, um para o Uruguai e a quarta pessoa referiu ser vizinha de argentinos, de quem diz ser amiga, há sete anos. Quanto ao respondente que disse gostar da variedade do “voseo e yo com som de cho”, embora não tenha relatado nenhum contato maior com essa variedade, manifestou conhecer algumas características particulares do espanhol da região, algo menos esperado de um aluno com pouco tempo de estudo. Assim, os alunos que se referiram de uma maneira mais específica à variedade aparentam ou ter maior conhecimento sobre ela, ou maior proximidade afetiva.

As perguntas seguintes (veja perguntas de número 11 e 12, no APÊNDICE) se referiam a quais variedades os estudantes entendiam como mais fáceis e mais difíceis de se

aprender e falar. A intenção, a hora de elaborar tais, questões foi a de fazer um levantamento sobre as variedades mencionadas por região de fala.

Um total de 60% dos estudantes iniciantes, e de 54% do grupo de alunos avançados, respondeu não haver uma variedade mais fácil. Quanto à pergunta seguinte, sobre a existência de uma variedade mais difícil, 40% dos alunos iniciantes e 45% dos alunos avançados indicaram não acreditar que houvesse uma variedade mais difícil.

Os quadros a seguir mostram as variedades consideradas mais fáceis e difíceis, de acordo com os resultados dos questionários que indicavam alguma variedade:

Quadro7 – Espanhol considerado mais fácil pelos alunos

	Respostas	Zona dialetal	%
Alunos iniciantes	Argentina	Español de la Plata y el Chaco	50
	Uruguai		
	Colômbia	Español de los Andes	16.66
	Costa Rica	Español de México y de Centroamérica	16.66
	Espanha	Español Castellano	16.66
Total	5	4	100
Alunos Avancados	México	Español de México y de Centroamérica	62.5
	Guatemala		
	Colômbia	Español de los Andes	12.5
	Espanha	Español Castellano	12.5
	Rioplatense	Español de la Plata y el Chaco	12.5
Total	5	4	100

Fonte: autoria própria

Quadro 8 – Espanhol considerado mais difícil pelos alunos

	Respostas	Zona dialetal	%
Alunos iniciantes	Cuba	Español del Caribe	20
	Espanha	Español Castellano	80
Total	2	2	100
Alunos Avancados	Chile	Español de Chile	33.33
	Espanha	Español Castellano	33.33
	Cuba	Español del Caribe	16.66
	Guatemala	Español de México y de Centroamérica	16.66
Total	4	4	100

Fonte: autoria própria

Como podemos observar, as variedades rio-platense e andina não foram consideradas difíceis nem pelos alunos iniciantes e nem pelos alunos avançados. Já as do Chile e do Caribe foram citadas como as mais difíceis pelos dois grupos de alunos. Curiosamente o espanhol da Espanha foi mencionado em ambas turmas tanto como fácil, quanto como difícil.

A variedade que compreende México e América Central, que nas respostas deste questionário apareceu na maioria das vezes devido às menções ao México, desta vez foi

representada também por outros países: Costa Rica, Guatemala e México como fáceis, e uma menção a Guatemala, como variedade difícil.

No espanhol considerado fácil de se aprender e falar, as variedades do México e América Central e Andina foram, na maioria das vezes, citadas por uma suposta “pronúncia mais clara”. Já as variedades de Cuba e do Chile foram lembradas pela rapidez com que são faladas, enquanto a da Espanha apresentaria dificuldade na fonética e nas formas de tratamento.

Os exemplos referentes às variedades de maior dificuldade coincidem com os da pesquisa de García Murga (2007). A autora, que entrevistou alunos do curso de Letras/Espanhol de uma universidade de Brasília, obteve os mesmos resultados sobre as variedades chilena, cubana e de Madri. Os entrevistados, na ocasião, atestaram uma difícil compreensão destas três variantes.

Três estudantes, ao todo, relativizaram a facilidade das variedades que indicaram. Atribuíram sua escolha ao fato de terem tido maior contato com a língua, não por características internas da variante. Algumas justificativas foram: “México, por ter sido meu primeiro contato”, ou “a da Espanha, porque fiz intercâmbio lá”.

A seção seguinte revela as representações dos alunos quanto à existência de uma variedade mais ou menos apropriada para o ensino de língua espanhola.

4.3.1. Representações quanto ao ensino

A pergunta de número 13 do questionário (você estuda/estudou espanhol fora da UFRGS? Caso sim, qual a nacionalidade do(s) professor(es)?) tinha a intenção de revelar as variedades a que os estudantes pudessem ter tido acesso através de aulas de espanhol. A pergunta de número 16 (você acredita que haja variedades do espanhol mais ou menos adequadas para seu ensino como língua estrangeira. Por quê?) tinha como objetivo verificar se a variedade dos professores pode interferir nas escolhas dos alunos.

No trabalho de Irala (2004), por exemplo, há um número expressivo de professores em formação que acreditam que a variedade peninsular é, por uma série de razões, preferencial para o ensino da língua. Entre informantes da atual pesquisa, também se verifica uma tendência nos resultados dos dois grupos. A maioria dos estudantes acredita que nenhuma variedade específica deva ser priorizada de antemão. Entre as justificativas se destacam as que fazem ressalvas apenas ao ensino de usos específicos de qualquer região e as que sugerem uma exposição do aluno a diferentes formas da língua. Também se aponta que a

variedade ensinada pode depender da região onde se ministra o curso e da variedade particular do professor.

Em sua resposta, um estudante avançado afirmou que a língua deve ser ensinada através de uma norma *estándar*, que nas palavras de Herrero (2008, p.12) corresponde a: “un arquetipo que sea a su vez modelo de corrección y prestigio y que se pueda considerar común o general”. Já, outro, diferentemente de como se posicionou a maioria que não indicou uma variedade específica, acha que as variedades americanas devem ser priorizadas com relação às variedades peninsulares, por “questões políticas (históricas e de espaço)”. Os informantes, em geral, se abstiveram de citar variedades específicas, preferindo condicionar suas respostas aos diferentes contextos.

Na seção seguinte, apresentaremos o que pode ser o resultado da combinação do contato cotidiano, das influências e das representações dos estudantes sobre a língua: as variedades linguísticas do espanhol que acreditam usar.

4.4. AS VARIEDADES QUE OS ESTUDANTES ACREDITAM USAR

A pergunta, que objetivava conhecer quais variedades os alunos acreditavam usar, era de resposta aberta. Sendo assim, o informante poderia indicar mais de uma variedade que acreditasse usar ou que influenciasse em sua fala. Com isso, considerando a zonificação proposta por Moreno (1998), observamos que apenas uma pessoa da turma menos avançada e duas da mais avançada citaram variedades de mais de uma área dialetal simultaneamente.

Os resultados podem ser vistos no quadro seguinte⁸:

⁸ Alguns dados tiveram que ser desconsiderados por diferentes motivos. Em dois casos a variedade não foi informada: um aluno deixou o campo de resposta vazio, e outro disse que não falavam em espanhol na aula. Foram classificadas como inconclusivas as variedades chamadas de “americana”, “y com som de j” e “voseo”. Por mais que as duas últimas sejam características do espanhol rio-platense, como foram citadas por pessoas diferentes, sua leitura individual fornece muito poucos traços para defini-las como parte desta região, embora o contexto possa indicar que sejam.

Quadro 9 - As variedades que os estudantes acreditam usar

	Zona dialetal	Respostas	Qtde de vezes citado	Total por zona	%
Alunos iniciantes	Espanol de la Plata y el Chaco	Argentina/Uruguai	3	7	63.7
		Uruguai	2		
		Argentina	1		
		Rioplatense	1		
	Espanol de los Andes	Colômbia	2	2	18.1
	Espanol de México y de Centroamérica	México	1	1	9.1
Espanol Castellano	Espanha	1	1	9.1	
TOTAL	4	7	11	11	100
Alunos avanzados	Espanol de la Plata y el Chaco	Rioplatense	3	6	60
		Argentina	2		
		Platense	1		
	Espanol de México y de Centroamérica	México	2	2	20
	Espanol de Chile	Chile	1	1	10
Espanol Castellano	Espanha	1	1	10	
TOTAL	4	6	10	10	100

Fonte: autoria própria

O grupo de alunos iniciantes adotou, ao todo, quatro variedades das propostas por Moreno Fernández (1998) segundo suas respostas. Embora com exceção da variedade rio-platense, as demais foram mencionadas por no máximo dois estudantes. É interessante destacar que dentre as variedades registradas na América, duas não estiveram presentes entre as respostas: a chilena e caribenha. Vale lembrar que a variedade do Chile não foi indicada, embora tenha sido um dos países mais mencionados com relação aos meios de contato com a língua (Quadro 4).

O grupo de alunos avançados também indicou adotar quatro variedades: a rio-platense, do México e América Central, peninsular e chilena. Assim como com o primeiro grupo, as variedades diferentes da rio-platense não contaram com mais de dois representantes cada.

O predomínio do espanhol rio-platense⁹, presente em todas as questões anteriores, se reflete na variedade que os estudantes afirmam usar. Novamente, como se pode ver na coluna *respostas*, alunos avançados se referiram de forma mais específica à variedade do Rio da Prata. Mas por mais que haja diferenças entre os dois grupos, a preferência por esta variedade é sempre tão elevado, que uma análise um pouco mais aprofundada é necessária.

⁹Em nenhum momento da segunda metade do questionário, parte na qual os estudantes manifestaram suas representações sobre a língua, a variedade linguística do Paraguai foi citada especificamente entre as respostas. Assim, se pensarmos na divisão dialetal feita por Moreno (1998), a variedade Espanol de la Plata y el Chaco foi representada apenas por Argentina e Uruguai.

Se considerarmos os trabalhos de Irala (2004), García Murga (2007) e Silveira Araújo (2014), referentes à relação de estudantes e professores brasileiros com as variedades linguísticas do espanhol, percebemos (através de todos os quadros e porcentagens) que a nossa pesquisa foi a única a apresentar resultados diferentes quanto à variedade preferencial dos informantes. O espanhol rio-platense, um dos que foram avaliados de forma mais negativo em García Murga (2007) e diluído dentro da concepção de um espanhol americano homogêneo, nos trabalhos de Irala (2004) e Silva Araújo (2014), desta vez aparece em primeiro lugar nas preferências e gostos dos dois grupos de alunos.

Já a variedade peninsular, sempre privilegiada nas respostas de alunos e professores de espanhol nos demais trabalhos, nesta pesquisa divide o segundo lugar ora com México, ora com Chile ou Colômbia, nunca assumindo uma posição de protagonismo nas repostas.

Não é possível estabelecer uma causa definitiva para essa diferença de posicionamento. No entanto, alguns dos resultados presentes neste trabalho servem como indicativo do que pode estar por trás desta posição tão diferenciada. Exatamente um terço dos informantes desta pesquisa disse ter escolhido o espanhol como ênfase no curso de Letras, entre outros motivos, por razões políticas (quadro 1), que invariavelmente passavam pelo sentimento de unidade do continente e, às vezes, rechaço à Europa, como, por exemplo: “porque o espanhol é uma língua que possibilita conhecer melhor a América, lugar que historicamente foi explorado em virtude do enriquecimento da Europa”. Este posicionamento somado a um maior contato presencial (quadro 2) com países como Argentina e Uruguai, foi refletido na preferência geral dos estudantes.

Ainda tratando da destacada presença do espanhol rio-platense entre as respostas, é interessante acrescentar os dados obtidos na pergunta 15 (APÊNDICE). Nela objetivamos compreender se os alunos pensavam já haver mudado a variante que usam desde que começaram a estudar.

Dentre todos os respondentes, quatro informaram ter aderido à variedade rio-platense em meio ao curso: um em detrimento à variedade do México e três em detrimento à espanhola. Apenas um aluno afirmou ter feito o caminho contrário: mudou da rio-platense para a peninsular.

Como se pode observar no Quadro 9, entre os 16 estudantes respondentes, apenas três disseram não usar a variedade rio-platense. O primeiro relatou ter usado tal variedade no começo do curso para depois mudar. Um segundo afirmou misturar elementos do espanhol do Chile e do México a outros, de modo que não se exclui a possibilidade de que o espanhol do Rio da Prata esteja incluído entre "outros". Houve, ao todo, apenas um aluno que afirmou, sem

nenhuma margem para outra interpretação, que nunca optou pela variedade rio-platense: adotou o espanhol colombiano desde o começo dos estudos e nunca mudou¹⁰.

Entre todos os informantes, quatro relativizaram a forma como falam. Um disse não ter certeza sobre sua variedade e afirmou pretender usar a uruguaia. Outro, disse que pensava usar a uruguaia. Um terceiro relatou achar que fazia um pouco de mistura entre duas variedades, e o seguinte disse: “tenho alguns chilenismos mas acredito que misturo um pouco as variantes mexicanas com outras”. Todos os demais afirmaram usar uma variedade específica, sem deixar margem para outra interpretação.

Dentre os informantes que não relativizaram suas respostas, se destacam os que optaram pela rio-platense. Oito, entre os treze que afirmaram usar esta variedade, escreveram como resposta apenas: “Argentina”, “Argentina/Uruguai”, “Uruguai”, “rioplatense” ou “platense”. Estas respostas transmitem mais confiança por parte dos alunos, o que revela ser a variedade indicada com mais segurança pelos dois grupos de alunos perguntados.

Este posicionamento se torna mais interessante se fizermos um paralelo com um grupo de estudantes de Letras/Espanhol de outra parte do Brasil. Na pesquisa de Murga (2007), a variedade linguística para a qual os alunos de uma universidade de Brasília mais mostraram rejeição foi exatamente a argentina¹¹.

Percebe-se uma clara diferença de disposição entre os alunos do Rio Grande do Sul e os de Brasília. O preconceito com relação a essa variedade, citado pela autora entre seus entrevistados, não foi verificado entre os respondentes do nosso questionário. E, não só isso, a variedade demonstrou ser a preferencial da grande maioria dos nossos informantes.

Essas duas coletas de dados indicam uma maior influência de Argentina e Uruguai, no estado do Rio Grande do Sul (representado por estudantes de sua capital, Porto Alegre) do que de outras regiões do Brasil. No entanto, se considerarmos também o trabalho de Irala (2004), que entrevistou professores de uma escola e alunos de 4º e 8º semestres de uma universidade perto da fronteira com o Uruguai, vemos que neste caso – a despeito da proximidade geográfica e cultural – a influência do país vizinho não parece ter repercutido nas escolhas linguísticas da maioria dos alunos e professores. Apenas o grupo de alunos mais avançados na faculdade apresentou resultados semelhantes aos nossos. Mesmo assim, estes

¹⁰Dando especial atenção a este estudante iniciante, dado que foi a exceção, a análise individual da parte mais objetiva de seu questionário não indicaria uma variedade preferencial de antemão. Não relata ter tido contato cotidiano com nenhum colombiano, apenas com argentinos e equatorianos, além de seus professores. Entre sua forma de contato com a língua estão uma novela e um grupo musical colombianos, além de músicos uruguaio e estadunidenses (variedade do México e América Central).

¹¹ Estes alunos foram expostos a áudios de nativos de diferentes países. O interessante é que sua avaliação só foi negativa quando sabiam que se tratava da variedade argentina, quando a escutavam sem conhecer sua origem, a avaliação era positiva, em geral.

alunos entendiam a variedade uruguaia como o espanhol da América, uma homogeneização presente na resposta de apenas um dos nossos informantes.

Com isso, entendemos que a influência pela proximidade geográfica, apesar de grande, não é responsável sozinha pelas escolhas e posicionamentos dos estudantes. Estas decisões são resultado de diversos fatores, provavelmente não abarcados totalmente pelos estudos, como o nosso, feitos até aqui.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi a de investigar quais eram as escolhas feitas pelos estudantes de Letras/Espanhol da UFRGS com relação às variedades linguísticas do espanhol. Queríamos descobrir o que condicionava a eleição de uma variedade em detrimento de outra. Como se pode ver pelo Quadro 1, referente às motivações para a escolha de espanhol como ênfase, são diversas as razões que podem fazer com que o estudante faça uma escolha linguística. Pode ser algo afetivo, político, ou até mesmo por comodidade. Diante disso, a preferência por determinada variedade, em detrimento de outra, seria algo de caráter mais pessoal ou subjetivo.

A opção por dividir os grupos entre alunos iniciantes e alunos avançados foi uma tentativa de verificar alguma tendência referente ao tempo de estudo. Saber se em algum momento do aprendizado os alunos seriam mais livres para fazer uma escolha. O que se observou, no entanto, foi uma semelhança muito grande entre os resultados, tanto nas representações sobre as variedades, como nas próprias escolhas. De acordo com os dados presentes nos quadros 7 e 8, as representações de ambos os grupos coincidem com respeito a quase todas as variedades linguísticas. E como se pode constatar pelos resultados, a variedade rio-platense é a preferencial de quase todos os respondentes. A inicial divisão sugeriu apenas que alunos mais avançados têm um maior conhecimento e uma relação mais afetiva com as variedades linguísticas. Fato que talvez possa ser explicado pelo maior tempo de estudo e pelo maior contato com nativos, como nos casos de intercâmbio.

É preciso destacar também a importância da Universidade, tanto na formação, como nas escolhas linguísticas dos estudantes. Além de expor os alunos às muitas variedades da língua, seja através de intercâmbios, seja pelo convívio com professores cujas experiências linguísticas são diversas, a Universidade deve propiciar a autonomia do aluno, na medida em que lhe fornece essa gama de possibilidades e o deixa livre para fazer suas escolhas.

O trabalho confirma, de certa forma, a relativização das fronteiras, exposta em suas primeiras páginas. Os grandes centros de influência de cada região foram os principais citados nas respostas, representando, com isso, a zona dialetal correspondente: espanhol do México e América Central, México; espanhol andino, Colômbia etc. Estes países ampliam seu campo de influência cultural e linguística para além de suas fronteiras. Como se pode observar, países como Argentina e Uruguai exercem mais influência sobre os gostos e opiniões de estudantes da capital mais ao sul do Brasil do que o posicionamento verificado no centro do país, conforme dados de García Murga (2007), confirmados pelos dados da nossa pesquisa.

O trabalho também mostrou que este não é o único fator que determina a variedade que um estudante de espanhol como língua estrangeira vai adotar. Sempre se deve considerar a autonomia e individualidade dos estudantes, que podem, mesmo com o contato mais presente e maior influência de determinada variedade, adotar a que mais gostam e se sentem à vontade para usar.

REFERÊNCIAS

- ALBA, O. Zonificación dialectal del español en América. In: ALONSO HERNANDEZ, C. (Coord.). **Historia y presente del español de américa**. Hernández, C. (ed.). Junta de Castilla y León. 1992.
- ANDIÓN HERRERO, M. A. **Modelo, estándar y norma..., conceptos imprescindibles en el español L2/LE**. 2008
- ARAUJO, L. S.; BUENO, R. G. Posicionando-se frente à diversidade linguística: o caso do espanhol como língua estrangeira. **Revista do SELL**. Uberaba, MG, v. 4, n. 1, p. 1 - 19, 2014. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/419/612> Acesso em: 12 jan. 2018
- FERNÁNDEZ VÍTORES, D. **El espanhol: una lengua viva**. Informe 2012. Madrid: Instituto Cervantes. 2012.
- GARCÍA MURGA, M. H. B. **As atitudes de estudantes de E/LE com relação às variedades diatópicas do espanhol**. 2007. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3019/1/2007_MariaHortensiaBlancoGarciaMurga.PDF Acesso em: 12 jan. 2018
- HENRIQUEZ UREÑA, Pedro. Observaciones sobre el español de América. **Revista de Filología Española, VIII**. 1930.
- IRALA, V. B. A opção da variedade de espanhol por professores em serviço e pré-serviço. **Linguagem & ensino**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 99 - 120, jul./dez., 2004. Disponível em: <http://rle.ucpel.edu.br/index.php/rle/article/view/209/176> Acesso em: 12 jan. 2018
- LOPE BLANCH, J. M. El concepto de frontera en la lingüística. *Revista de la Universidad de México*. Cidade do México: N. 522. 1994
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Áreas geolectales del español. In _____. **Qué español enseñar**. Madrid: Arco/Libros, 1998. cap. 3, p. 35 – 50.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. Los modelos de lengua del castellano al panhispanismo. In: CESTERO MANCERA, A. M. (ed.) **Lingüística aplicada a la enseñanza de español como lengua extranjera: desarrollos recientes**. Madrid: Universidad de Alcalá - Instituto Cervantes. 2006
- MORENO FERNÁNDEZ, F. Español de España - Español de América: mitos y realidades de su enseñanza. **V Congreso internacional: ¿Qué español enseñar y cómo? Variedades del español y su enseñanza**. Cuenca. 2014.

MORENO FERNÁNDEZ, F; OTERO ROTH, J. Cartografía del español en el mundo. **Centro Virtual Cervantes**. cap. 2, Não paginado. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/espanol_economia/02.htm Acesso em: 12 jan. 2018

MORENO FERNÁNDEZ, F. El modelo de la lengua y la variación lingüística. In: SÁNCHEZ LOBATO, J.; SANTOS GARGALLO, I. (Coord.) **Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)**. Madrid: SGEL, 2016. 2 t. p. 129 – 144

RONA, José Pedro. 1964. El problema de la división del español americano en zonas dialectales. **Presente y futuro de la lengua española**, Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 2 t. pp. 215-226.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DE LETRAS DA UFRGS

Questionário elaborado por Márcio Santos, para coleta de dados para o TCC

1 - Idade: _____

2 - Gênero: Feminino () Masculino () Outro ()

3 - Curso: _____

4 - Ano de entrada: _____

5 - Por qual motivo você escolheu a ênfase de espanhol como língua estrangeira?

6 - Você tem ou já teve contato cotidiano com nativo(s) de língua espanhola? Sim () Não ()

7- Caso sim, era(m) nativo(s) de qual país, e por quanto tempo foi o contato?

8 - De que forma você tem contato atualmente com a língua espanhola? Assinale as opções apresentadas:

a) **Literatura** () sim () não. Caso sim, qual/quais? _____

Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.

b) **Cinema** () sim () não. Caso sim, qual/quais? _____

Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.

c) **Música** () sim () não. Caso sim, qual/quais? _____

Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.

d) **Programas de televisão** () sim () não. Caso sim, qual/quais? _____

Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.

e) **Jornal online** () sim () não. Caso sim, qual/quais? _____

Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.

f) **Outros** () Sim () não. O quê? _____

Com qual frequência? () diário () semanal () mensal () apenas quando tenho tempo.

Questionário elaborado por Márcio Santos, para coleta de dados para o TCC

9- Das opções apresentadas na questão anterior, você costumava ver, ouvir ou ler alguma antes em português e depois passou a fazê-lo **apenas** em espanhol? Exemplo: série, legenda de filmes, etc. Sim () Não ()

Qual/quais? _____

10 - Você gosta de escutar alguma variedade específica de espanhol? Sim () Não ()

Caso sim, qual e por quê? _____

11 - Há alguma variedade do espanhol que você ache mais **fácil** de falar/aprender? Sim () Não ()

Caso sim, qual/quais e por quê? _____

12 - Há alguma variedade do espanhol que você ache mais **difícil** de falar ou aprender? Sim () Não ()

Caso sim, qual/quais e por quê? _____

13 - Você estuda/estudou espanhol **fora** da UFRGS? Sim () Não ()

Caso sim, qual a nacionalidade do(s) professore(s)? _____

14 - Qual variedade de língua espanhola você acredita usar? _____

15 - Desde que você começou o curso de Letras, você já trocou a variedade que usa? Sim () Não ()

Caso sim, de qual para qual e por quê? _____

16 - Você acredita que haja variedades do espanhol mais ou menos adequadas para seu ensino como língua estrangeira? Sim () Não () Por quê? _____

Obrigado pela sua participação!